

Líderes de invasões estão na mira do governo

Rovênia Amorim e
Cristina Ávila
Da equipe do Correio

O governo vai apertar o cerco contra os líderes das novas invasões que proliferam pelo Distrito Federal. Esta semana será definida a estratégia para evitar o crescimento de barracos nas áreas públicas. Quem estiver estimulando ocupações irregulares poderá ser responsabilizado criminalmente. "Há pessoas induzindo outras a desafiar a lei. Nossa fiscalização precisa ser atuante para levá-las às barras da Justiça", afirma o vice-governador Benedito Domingos (PPB).

Hoje os secretários de Habitação, Agricultura, Meio Ambiente e de Segurança reúnem-se para planejar a atuação do governo com relação às invasões. Além de saber quem está por trás das ocupações irregulares, o governo quer reforçar a fiscalização. "O trabalho preventivo é mais fácil do que o de remoção", observa o vice-governador.

Até agora não foi tomada nenhuma medida eficaz para controle da situação. Nem as notificações, que deveriam ser entregues no dia seguinte ao ultimato do governador Joaquim Roriz, feito na quarta-feira, chegaram a todos os invasores. A previsão da Secretaria de Habitação é de que o trabalho só termine nesta semana.

No Varjão, por exemplo, ninguém recebeu o documento. "Eu acredito nesse governo. O deputado José Edmar (PMDB) nos garantiu que o Roriz não vai derrubar nossos barracos", diz Reginaldo da Silva Moraes, 36, martelando os últimos pregos do barraco que construía na tarde de ontem, pela quinta vez, no Varjão. "Não quero ficar aqui eternamente. Não tem energia elétrica e preciso subir e descer 200 metros de ladeira para buscar água. Tenho inscrição no Idhab e quero um lugar melhor para morar."

Os invasores do lugarejo reuniram-se ontem à tarde com o administrador do Lago Norte, Marco Lima, para tentar negociar uma alternativa. Eles querem uma opção para os invasores que estão inscritos na Associação de Moradores do Varjão.

O presidente da associação, Edilson Brandão, diz que o encontro é uma tentativa de mudar a decisão da Administração Regional do Lago

Raimundo Paccó



Reginaldo Moraes construiu pela quinta vez seu barraco no Varjão com a esperança de que receberá ajuda do governo: "Não quero ficar aqui eternamente"

Norte, que é a de retirar os barracos. O número de casebres de madeirete no Varjão praticamente dobrou desde outubro, segundo o administrador Marco Lima. "Passou de 444 para mais de 800", contabiliza.

DIÁLOGO

Mas antes das remoções, haverá muita conversa. Enquanto os invasores pedem mais tempo, o governo quer que eles saiam logo. "Tem muita gente necessitada, mas há muitos oportunistas que têm até carro do ano. Nenhum desses novos invasores caiu do céu. Moravam em algum lugar antes. E se não quiserem sair do local, a Justiça será acionada", afirma Benedito Domingos.

O secretário de Segurança Pública, Paulo Castelo Branco, garante que a polícia só será empregada

num último momento. "Queremos uma retirada sem violência e ações precipitadas. As invasões são um problema político e social", afirma. "Não há necessidade de colocar polícia nas invasões para intimidar as pessoas."

A secretária de Habitação, Ivelise Longhi, diz que, se for preciso, ela mesma sairá em campo para conversar com os invasores. Ela reforça, no entanto, que a política habitacional vai continuar com os critérios antigos, ou seja, de atender somente quem mora há cinco anos no Distrito Federal e que não recebeu lote antes. "Não adianta invadir

Não vai ser pressionando que os invasores vão conseguir regularizar sua situação."

SEM RESISTÊNCIA

As 19 cooperativas que integram o Fórum de Habitação, Meio Ambiente e Qualidade de Vida do DF também têm encontro marcado com o governo. Mas não prometem resistência. "Vamos deixar o acampamento na

ping nos fundos da quadra 44 do Guará.

Segundo Marlício, o encontro deverá ser na terça-feira. "Queremos que o governo resguarde a área e impeça as invasões. Queremos que o SivSolo arme um acampamento aqui para evitar que invasores ocupem esse local", diz Cícero Vieira Lima, presidente do Forum.

Nem todos os grupos que montaram acampamento no Guará, no entanto, têm a mesma disposição. Há os arredios. No local, existem cerca de 25 barracas de organizações diferentes. "Se não houver negociação com o governo em 72 horas, vamos continuar aqui. Quero dois lotes para minhas duas filhas", reivindica Natalina Veríssimo Caetano, 38 anos, evangélica da Igreja Pentecostal Missionária, da QE 34 do Guará.

